



ARTIGO DA SEMANA

QUE TAL SONHARMOS JUNTOS POR UM MUNDO MELHOR?

**CRISTINA MORENO - ADVISOR DA EARTH CHARTER
INICIATIVE, CONSELHEIRA DO INSTITUTO GESC
E DO ABRIGO JESUS. APOIADORA DA WISDOM**

ARTIGO DA SEMANA

TÍTULO: QUE TAL SONHARMOS JUNTOS POR UM MUNDO MELHOR?

O velho mundo está morrendo e o novo mundo ainda não pode nascer. Nesse interregno uma grande variedade de sintomas mórbidos aparece.

(Antonio Gramsci, 1930)

INTRODUÇÃO:

Estamos observando uma ruptura na ordem mundial em vários aspectos e talvez estejamos nesta expectativa do novo. Questões climáticas, guerras e conflitos, valores universais pisoteados, enfim, os acontecimentos são tantos que nos parece impossível sonhar com um mundo mais justo e sustentável.

Tenho refletido bastante sobre o discurso do primeiro ministro Mark Carney do Canadá, durante sua fala em Davos em janeiro 2026¹. Ao comentar sobre as potencialidades de nações médias como Canadá, disse: “*elas têm a capacidade de construir uma nova ordem que incorpore nossos valores, como o respeito aos direitos humanos, o desenvolvimento sustentável, a solidariedade, a soberania e a integridade territorial dos Estados*” E concluiu falando em agir em conjunto, compartilhar valores, trocar conhecimentos em prol da construção do novo.

Acredito que, partindo da visão internacional, podemos fazer uma análise semelhante considerando nossas necessidades e demandas cotidianas. Três aspectos me pareceram essenciais na fala de Mark Carney – a capacidade de união, a complementariedade de ações e valores compartilhados.

São aspectos que deveriam ser perseguidos por toda a sociedade. O que é a sociedade senão uma teia de relações sedimentadas em valores universais, cooperação e união?

Olhando para a formação da nossa sociedade - setor governamental, setor privado e setor da sociedade civil organizada - pode parecer impossível a capacidade de união e cooperação entre setores com características tão diversas e objetivos distintos.

Entretanto, vivemos novo cenário, momento de identificar sinergias e complementariedades e praticar ações conjuntas. O Estado sozinho não é capaz de encontrar soluções adequadas e acaba definindo políticas públicas, raramente com participação da sociedade civil e, portanto, nem sempre estas políticas chegam até à base da população. Por outro lado, num ambiente em constante mutação, as Empresas estão voltadas para suas próprias demandas e pouco podem contribuir. Existem as Organizações da Sociedade Civil - OSCs, representantes do interesse público, que identificam carências e através de suas ações, buscam minimizá-las.

O que diferencia essas organizações é sua capilaridade, possibilitando identificar, na base, deficiências nas políticas públicas, assim como, o efeito das externalidades originadas pelas empresas. Embora em sua grande maioria desenvolvam trabalhos relevantes, também possuem enormes deficiências, tanto de recursos financeiros, quanto recursos humanos e de gestão²

Assim sendo, nenhum destes segmentos é capaz de trabalhar sozinho na busca de melhores condições de vida. Ao abrir mão de preconceitos e de visões setorializadas, é preciso executar

¹ [https://www-cbc-ca.translate.goog/news/politics/mark-carney-speech-davos-rules-based-order-9.7053350?](https://www-cbc-ca.translate.goog/news/politics/mark-carney-speech-davos-rules-based-order-9.7053350?_)

² Armani, Domingos - Mobilizar para Transformar - Ed. Oxfam

ações compartilhadas, praticar reconhecimento das experiências e práticas adquiridas para, realmente, buscar o bem comum.

VALORES E SUA IMPORTÂNCIA:

Ouvimos muito sobre a ausência de valores nas nossas relações, na maneira como agimos. Entretanto, quando falamos de valores me lembro sempre da Carta da Terra³, documento divulgado em 2000 e que permanece extremamente atualizado. A Carta é como um mapa que guiaria a humanidade rumo a uma sociedade global sustentável, baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça social e econômica e, na cultura de paz.

Embora seja considerado um abrangente documento de sustentabilidade, é realmente um tratado ético estruturado em valores universais centrados no bem comum. Esta opção por valores universais, enfatiza o pertencer ao Universo e uma enorme gratidão pela nossa própria vida. Resumindo, são valores interconectados e uma visão sistêmica da teia da vida, cujos alicerces são: a) Respeito e Cuidado pela Comunidade de Vida; b) Integridade Ecológica; c) Justiça Social e Econômica e d) Democracia, Não Violência e Paz.

Valores são referências àquilo que não abriremos mão ao escolher caminhos e tomar decisões. Conscientes ou não, influenciam fortemente a definição de prioridades e o comportamento de indivíduos, grupos ou organizações. Quando declarados e respeitados, servem como um guia de conduta e ajudam a manter o foco nas prioridades, principalmente no que diz respeito ao investimento de energia e à destinação dos recursos.

Richard Barrett, em seu livro “A Organização dirigida por Valores - 2017 - Alta Books Editora”, acredita que o século 21 será dedicado aos valores, tendo como base: boa vontade, resiliência, sustentabilidade, consciência humana e florescimento da democracia. Porém, para que isto aconteça será necessário um novo paradigma:

- Do “eu” para o “nós”;
- De “o que tem isto para mim” para “o que é melhor para o bem comum”;
- De “ser o melhor do mundo” para ser “o melhor para o mundo”.

Desafio grande e, com certeza, o mais importante nesta transição. Encontramos aqui o conceito mais amplo de sustentabilidade, um compromisso entre humanos minimizando os efeitos climáticos e respeitando toda a comunidade de vida.

O REGISTRO DA SUSTENTABILIDADE:

O ano de 2015 foi particularmente importante para a sustentabilidade:

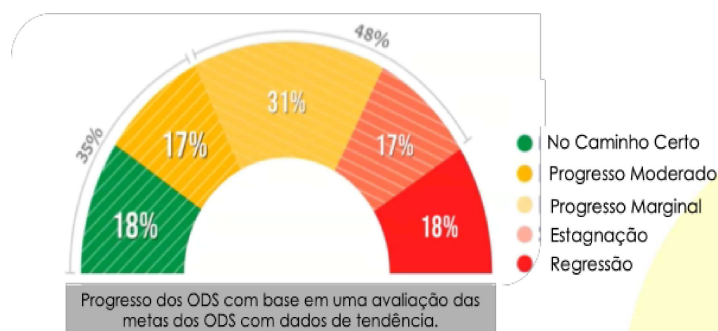
- ▶ Maio 15 - Encíclica Laudato Si, um convite para todos os povos da terra, uma alerta do Papa Francisco sobre o cuidado da Casa Comum;
- ▶ Julho 15 - 3ª conferência global em Adis Abeba, um pacto sobre a parceria global para o financiamento do desenvolvimento;
- ▶ Setembro 15 - Cúpula da ONU em Nova York, lançamento da Agenda 2030 - ODS;
- ▶ Dezembro 15 - 21º Quadro da ONU em Paris, adoção de novo acordo para as mudanças climáticas. (COP 21 - ver IPCC)

³ <https://cartadaterrainternacional.org/>

Encerrava-se o ano com muita esperança e expectativas. Entretanto, após uma década, os resultados não são promissores.

Como a Agenda 2030 da ONU envolve a maioria das questões de nosso tempo, tentarei uma análise com base nos seus 17 ODS⁴. O relatório da ONU relativo a 2025 ainda não está disponível,

mas já podemos identificar estagnação e mesmo retrocessos na maioria das metas da Agenda 2030. Segundo a ONU, os desafios globais cada vez mais intensos e interconectados continuam a colocar em risco os ODS - escalada de conflitos, crescente caos climático, aumento das tensões geopolíticas, choques econômicos e déficits de financiamento.

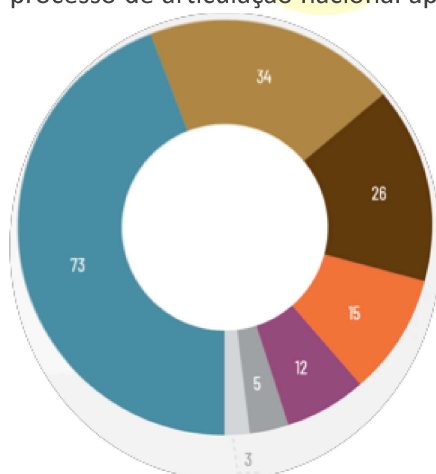


No gráfico acima, figuram as tendências previstas nesta análise, sendo que os ODS mais críticos são os relacionados a alimentação, energia, conectividade digital, educação, trabalho e proteção social, clima e biodiversidade. Por outro lado, em 2025, aconteceram atividades importantes:

- ▶ Junho, Sevilha, Espanha - 4º Conf. Internacional - Financiamento Desenvolvimento;
- ▶ Julho, Adis Abeba, Etiópia - Cúpula Nações Unidas sobre Sistemas Alimentares+4;
- ▶ Setembro, Beijing, China - Beijing+30 - 30 anos da 4ª Conferência Mundial sobre a Mulher, focada na igualdade de gênero;
- ▶ Novembro, Doha, Catar - 2ª Cúpula Mundial para Desenvolvimento Social, baseado nos ODS;
- ▶ Novembro, Belém, Brasil - Conferência Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas - COP 30

Ainda não existem resultados mais efetivos relacionados a esses eventos, espera-se que aconteçam ações concretas decorrentes dos belos documentos assinados. É necessário o acompanhamento e cobranças das atividades previstas.

Vamos verificar a evolução da Agenda 2030 no Brasil, tendo como referência o Relatório Luz, elaborado pelo Grupo de Trabalho da Sociedade Civil para a Agenda 2030 (GT Agenda 2030), um processo de articulação nacional aprovado durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em setembro 2025 (<https://gtagenda2030.org.br/wp-content/uploads/2025/09/relatorio-luz-2025.pdf>)



No gráfico ao lado, das 169 metas previstas pelos 17 ODS:

- 73 delas são ainda insuficientes, ou seja 43,5%
- 34 estão estagnadas, correspondendo a 20,2%
- 26 sofreram retrocesso, representando 15,5%
- 15 encontram-se ameaçadas, ou seja, 8,9%
- 12 são satisfatórias, totalizando 7,1%
- 5 não possuem dados, correspondendo a 3%
- 3 não se aplicam à realidade brasileira (1,7%)

A Agenda 2030 é um documento muito especial que podemos utilizar para medir a evolução da sustentabilidade no mundo, em cada país, em cada município ou mesmo nas comunidades e organizações. O que o torna particularmente importante é sua grande complexidade, fruto da interconectividade entre os objetivos e metas.

Relembrando Edgar Morins, a complementariedade é como um tecido onde a alteração de um dos fios da trama, compromete todo o restante. Portanto, não podemos analisar este gráfico apenas pelos números retratados, mas pelo impacto causado por uma meta não concluída, ou seja, as consequências em todo o tecido da sustentabilidade. Vejamos alguns exemplos:

- ▶ ODS 3 - Boa saúde e Bem Estar é impactado pela meta 1.3 (Erradicação da Pobreza) - Implementar medidas e sistemas de proteção social; 2.2 (Fome Zero) - Acabar com todas as formas de desnutrição; 5.3 (Igualdade de Gênero) - Eliminar todas as práticas nocivas; ODS 6 Água Limpa e Saneamento - todas as 8 metas; 11.2 (Cidades e Comunidades Sustentáveis) - Melhorar segurança rodoviária; 13.1 (Mudanças Climáticas) - Reforçar a resiliência e adaptabilidade entre outras medidas necessárias como consequências dos desastres ambientais; 16.1 (Paz e Justiça) - Reduzir todas as formas de violência.
- ▶ Crises climáticas (ODS 13) são catalisadoras de desigualdades e problemas principalmente referentes à fome, ODS 1 e ODS 2. Além disso, a presença de doenças climáticas (ODS 3), com as piores consequências para populações periféricas e tradicionais (ODS 10).
- ▶ As recentes chuvas intensas em Juiz de Fora - MG, evidente consequência de mudanças climáticas (ODS 13). A cidade está em região montanhosa⁶, com habitações em suas encostas (ODS 11 - Cidades e Comunidades Sustentáveis). As consequências recaem sobre quase todos os ODS e provocaram eventos que precisam ser analisadas sistemicamente.

A conclusão da primeira década da Agenda 2030 não mostra que a transformação desejada será alcançada. A sustentabilidade - justiça social e ambiental - exige convergência entre esforços coletivos, de recursos humanos e financeiros, com muita frequência desviados de seus fins.

O ESFORÇO COLETIVO:

Parece utópico pensar no futuro com tantas incertezas no presente. Entretanto, é importante lembrar o pensamento de Peter Drucker: *“O planejamento não diz respeito às decisões futuras, mas às implicações futuras de decisões presentes”*⁷ e, é preciso analisar o que fazemos hoje, como chegamos até aqui, que apoios necessitamos, quais os próximos passos. Também sabemos que olhar para o futuro exige diversidade de pensamentos, identificação de sinergias, enfim, caminhar de mãos juntas.

Em 26 de janeiro de 2026, o PNUD⁸, em parceria com o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI), lançou o relatório “Futuros do Brasil: Sinais de Transformação” (<https://www.undp.org/pt/brazil/publications/futuros-do-brasil-sinais-de-transformacao>). Resultado de pesquisas e contribuições de vários segmentos da sociedade brasileira, que na avaliação do embaixador André Correa do Lago - presidente da COP 30: *“Tem um elemento importantíssimo que é diminuir essa ideia de que existe nós e os outros e, na verdade, somos um só país, e nós precisamos dos outros e os outros precisam de nós”*.

O relatório é principalmente um convite para a reflexão sobre um futuro melhor. Tendo como referência 4 cenários possíveis, analisa possibilidades e desafios inerentes a cada um. São 3 as principais conclusões desta análise:

- ▶ Deixar apenas de sobreviver ao presente e começar a planejar o futuro;

⁵ <https://youtu.be/ExOqRgBKDKA>

⁶ Minas Gerais é o Estado Brasileiro com maior número de cidades em risco durante período chuvoso (283 das 853 cidades). Segundo dados do Cemaden - Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais, existem 8,9 milhões de brasileiros em situação de riscos desta natureza.

⁷ Peter, Drucker - Organizações Sem Fins Lucrativos - Ed. Almedina Brasil

⁸ PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

- ▶ Passar da esperança para a implementação da ação;
- ▶ Fazer a transição da dependência do Estado para a corresponsabilidade cidadã.

Enfim, é o convite para começar a fazer, um esforço coletivo, agir agora pelo futuro do Brasil.

O que fica evidente é a necessária união da sociedade brasileira em prol de nosso futuro comum, é mais do que sobreviver, é construir, respeitando nossas deficiências e aceitando os apoios e contribuições de todos. Real esforço coletivo, real responsabilidade social.

COM O MELHOR DE CADA UM, ATRAVÉS DE VALORES COMPARTILHADOS:

O filósofo Hans Jonas, no final dos anos 90, cunhou O Princípio da Responsabilidade⁹ como a nova ética, em que o mundo animal, vegetal, mineral, biosfera e estratosfera passam a fazer parte da esfera da responsabilidade.

Quando falamos de Responsabilidade Social Corporativa, estamos nos referindo ao caminho para a sustentabilidade, no seu sentido mais amplo do compromisso humano. Para tanto, todas as organizações devem eleger seus valores mais profundos sobre os quais desejam alicerçar o processo de transformação.

Necessitamos reaprender a conviver em redes de cooperação e harmonia, a assegurar a generosidade e a beleza do nosso Planeta para a atual e as futuras gerações, no exercício do bem comum, de uma ética universal. Esta ética universal é o nosso maior desafio, é questão de sobrevivência. Ela exige toda nossa humildade e solidariedade. Exige também uma plena reeducação e sólidos princípios e valores universais.

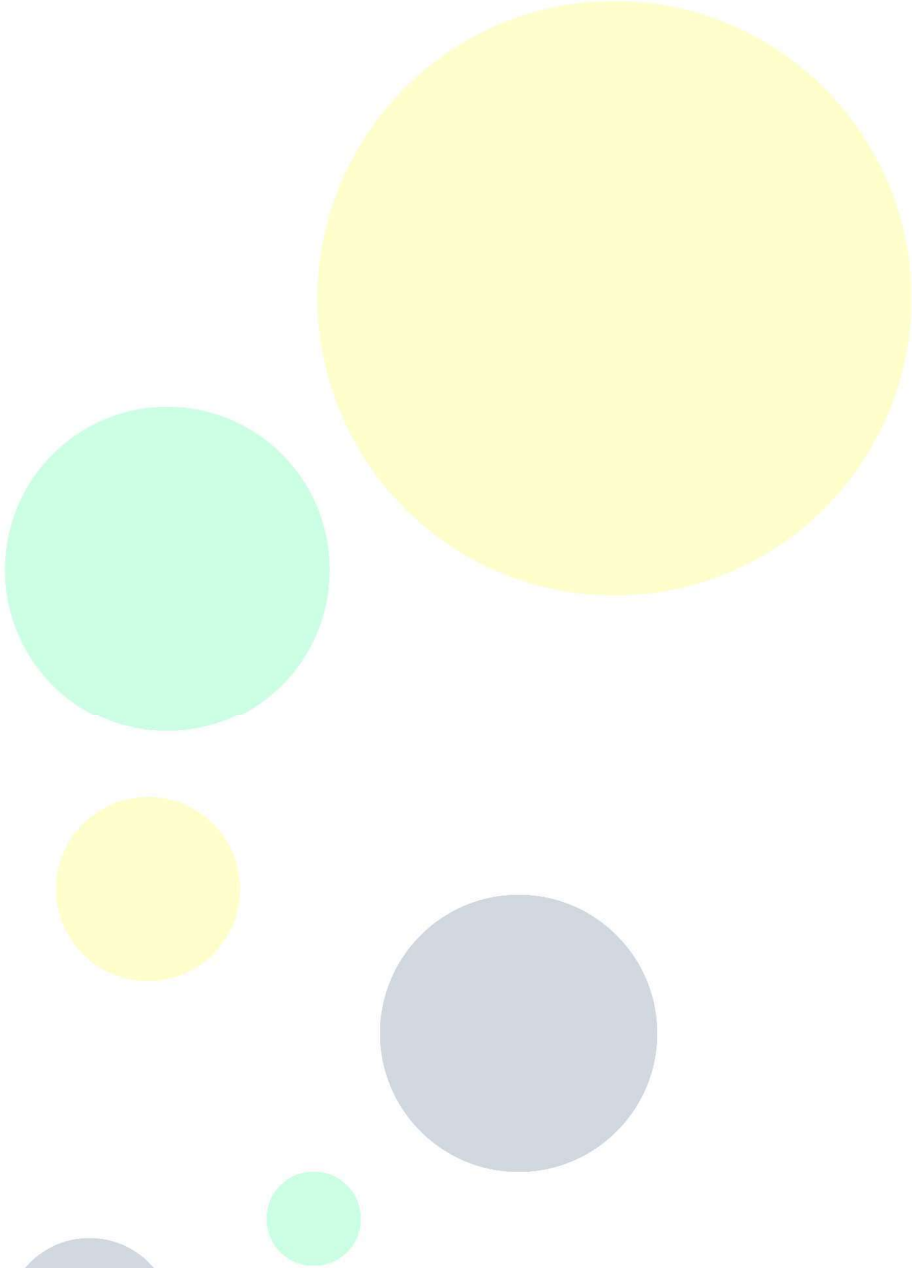
Valores universais são valores encontrados em todas as culturas e tradições, são valores que regem nosso viver humano em harmonia com toda a comunidade de vida. Tendo como base o entendimento de ética como a busca pelo bem comum, valores como respeito, justiça, integridade, responsabilidade e solidariedade são manifestos em momentos adversos, como vimos surgir no início da COVID 19 e nos últimos desastres ambientais - derramamentos de petróleo, incêndios florestais e inundações.

As soluções mais efetivas vieram do exercício conjunto destes valores. E sempre vieram da associação da ciência, de saberes adquiridos e da necessidade de resolver. Monja Coen nos lembra que *“Não há mais tempo para brincar que não sabemos do que sabemos”*. As mudanças climáticas são o que há de mais evidente neste aspecto e também conhecemos as suas consequências, ou seja, impacto em todos os aspectos da sustentabilidade.

A jornada para as soluções adequadas, prevenção, adaptação, mitigação, são complexas e sistêmicas e só serão possíveis com a participação de toda a sociedade, governos, empresas, organizações da sociedade civil (OSCs) e cada cidadão ou cidadã em particular.

Acreditando em Mark Carney, com muita disposição caminharemos nesta jornada, juntos e compartilhando o melhor de cada um, nossos valores comuns.

⁹ Jonas, Hans – O Princípio Responsabilidade, Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica, Editora Contraponto / Editora PUC RJ



CRISTINA MORENO é Engenheira Química, Consultora e Professora Voluntária dos cursos Educação para o Desenvolvimento Sustentável - cátedra da UNESCO e Gestão para Sociedade Civil. É Advisor da Earth Charter Initiative e Conselheira do Instituto GESC e Abrigo Jesus. Foi Gestora nas áreas de Planejamento Estratégico e Sustentabilidade de Empresas como CENIBRA, BAHIA SUL CELULOSE, SUZANO PAPEL E CELULOSE E VERACEL CELULOSE.